

Mulher e Trabalho na Revista Gran-Fina (1940-1942): A relação conturbada dentro da sociedade patriarcal¹

Jasmine Ap. Horst dos SANTOS²
Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA³

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Unicentro, Guarapuava, PR

Resumo

Nosso trabalho propõe uma reflexão acerca das construções identitárias femininas no campo do trabalho, dentro da revista Gran-fina, um periódico de generalidades, que circulou na cidade de Curitiba no início da década de 1940. É interessante observar como essas diferentes identidades eram retratadas nas páginas da revista, e mesmo se tratando de um veículo midiático que não circulou por muito tempo, é possível destacar que ocorreram transformações nessas identidades e na forma como o discurso jornalístico discorria sobre isso. O discurso jornalístico não é entendido aqui como lugar de descrição histórica da mulher, mas sim como um local de reiteração de sentidos que possibilitam entender o contexto histórico e cultural em que a revista estava inserida e a forma como a mulher era vista na sociedade paranaense.

Palavras-chave

Identidade; Memória; Trabalho; Revista Gran-Fina; Paraná.

Introdução

O momento de industrialização crescente e de êxodo rural, pelo qual a cidade de Curitiba passava no início da década de 1940, fez com que a população urbana crescesse significativamente, e acabou por dar espaços à mulher dentro do mercado de trabalho. Entretanto, essa ida ao mercado de trabalho ainda não era vista com bons olhos, principalmente dentro de uma cidade que procurava manter características interioranas, em que o perfil de família tradicional, com um pai que trabalhava para

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista diplomada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Mestre em Letras pela Unicentro, com bolsa Capes. Bolsista do programa Universidade Sem Fronteiras (USF), 2017-2018, credenciada pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (Seti/PR). Pós-graduanda em Marketing. Email: jasmine_horst@hotmail.com

³ Orientadora, professora do Departamento de Letras e do Programa Mestrado em Letras (UNICENTRO) Doutora em Letras, Pós- doutora em Ciência da Literatura. Email: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

sustentar a casa, uma mãe que cuidava do lar e da criação dos filhos, e filhos que frequentavam a escola e a catequese e que desde pequenos iam se colocando nos papéis sociais a eles destinados historicamente.

Hall (2004), parte da ideia de que nossas identidades se moldam a partir do nosso pertencimento às culturas. Hall (2004, p. 8) coloca que a identidade cultural é constituída por “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Assim compondo o que ele chama de fragmentação das identidades.

O ser humano não nasce pronto. Suas experiências em meio à cultura contribuirão para a formação de sua identidade. A mulher da década de 1940, havia nascido em meio a uma cultura onde os papéis sociais destinados à figura feminina se resumiam em funções ligadas a cuidar de casa, do marido e dos filhos. Com as mudanças culturais que começavam a ocorrer, aos poucos, esses papéis foram se modificando, o que permitiu que novas identidades surgissem.

Na perspectiva da pesquisa, a revista pode ser considerada como um lugar de memória, nos moldes propostos pelo francês Pierre Nora (1993). Para ele, um lugar de memória é qualquer lugar, material ou imaterial, onde a memória de um povo se cristaliza. Nesse sentido, enxergamos a revista *Gran-fina* como um lugar onde a memória de um povo se cristalizou, permitindo que hoje nós consigamos estudar aspectos relacionados à questão identitária feminina na temática do trabalho, do início da década de 1940.

Os Estudos Culturais passaram a se preocupar com a chamada “cultura de massa”, mais popular, que não tinha o mesmo status da dita alta cultura. Nesse momento, a cultura passa a ser vista como um espaço de discussões, com um olhar mais abrangente e despido de preconceitos, já que é vista como um fenômeno heterogêneo. Nesse sentido, entende-se que a realidade é uma construção social, as identidades são construções sociais, e essas construções ocorrem dentro de uma sociedade que é constantemente marcada pela luta pelo poder.

A partir disso, enxerga-se, por exemplo, um produto da cultura midiática, como é o caso do nosso objeto de estudo, como um palco de debates, que nos oferece a possibilidade de buscar elementos característicos de uma sociedade através dos produtos culturais que esta consumia. Para se entender a mudança provocada na maneira de se estudar as identidades, é necessário entender como e a partir de que essas mudanças se

sucederam. As transformações da identidade social, da modernidade até a pós-modernidade, passaram a ser compreendidas, em grande parte, através dos Estudos Culturais que deram um novo status a esse tipo de pesquisa. A partir dessa transformação, passou-se a entender o sujeito como pluralista, e dessa forma, com o advento do pós-modernismo, isso provocou a descentralização das identidades, assunto bastante recorrente em autores dos Estudos Culturais, tais como Hall (2004), que em sua explanação sobre identidade, fala sobre a descentralização do sujeito, que acarreta a possibilidade dele ser constituído de diversas facetas identitárias, ora complementares, ora controversas. Seguindo a mesma linha de pensamento de Hall (2004), Bauman (2009), acredita que a identidade não é algo pronto, mas sim algo construído socialmente, dependendo da interação social que há, o que mantém o discurso adotado pelos Estudos Culturais, de que as formações identitárias podem ser múltiplas, e que acontecem por conta de uma dominação cultural.

Ter a necessidade de se transformar no que somos é uma característica da vida moderna (não da “individualização moderna”, uma expressão evidentemente pleonástica; falar de individualização e de modernidade é falar da mesma condição social). (BAUMAN, 2009, p. 184)

Essa identidade em formação, de que Bauman (2009) assevera, sofre influência direta da cultura, por isso de ser um dos principais pilares de discussão dos Estudos Culturais. O meio em que o sujeito está imerso afetará diretamente a construção das suas identidades. Com a globalização, há uma aproximação entre culturas, assim, essas identidades estão em constante movimento, em constante formação.

Hall (2004) cita a existência de três tipos de sujeito, o do iluminismo, que seria a figura do humano centrado, sem qualquer transformação ao longo da vida; o sociológico, que seria aquele que começa a transparecer a complexidade do mundo moderno; e o pós-moderno, em que a descentralização da sua identidade, provocaria uma mistura dos sistemas culturais que o cerca e acabaria por constituir essa identidade em constante movimento.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2004, p.13)

Ainda para Hall (2004), a nossa identidade cultural é composta através dos elementos da cultura na qual estamos inseridos. Nesse caso, apesar das mudanças que ocorrem com o passar do tempo, com a influência da globalização, e outras influências, existem elementos considerados essenciais do caráter nacional que permanecem imóveis.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2004, p. 50).

Dessa forma, é possível compreender algumas das diferenças que existem entre as culturas. Há países que insistem nesse caráter de organização para suprimir minorias, exemplificando casos em que determinados gêneros, etnias, entre outras divisões são utilizadas como uma forma de exclusão. Ao se pensar a sociedade curitibana do início da década de 1940, é perceptível que havia um discurso padronizador de como a mulher deveria agir em relação aos mais variados aspectos da sociedade. Assim, alguns discursos eram vistos como “imóveis” por parte da população, que não via com bons olhos as mudanças que afetavam o comportamento feminino.

A Curitiba de 1940 nas páginas da Gran-Fina

Durante o início da década de 1940, as revistas curitibanas tinham essa propriedade de introduzir comportamentos que eram esperados de seus leitores. No caso das colunas femininas, elas funcionavam como um manual de condutas que eram esperadas e também daquilo que não deveria ser feito para que elas se mantivessem dentro dos preceitos da moral e dos bons costumes, e, dessa forma, fossem respeitadas dentro da sociedade. De acordo com Bassanezi (2008), as revistas desse período traziam a reflexão de um consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam valores de classe, raça e gênero dominantes naquela época:

Como conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer, as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo assim como sofreram influências das mudanças

sociais vividas – e algumas, também promovidas – por essas mulheres. (BASSANEZI, 2008, p. 609).

No início da década de 1940, período em que a revista *Gran-fina* circulou, Curitiba possuía 148.757 habitantes, de acordo com o Censo daquele ano, que estavam divididos entre vinte bairros. A capital paranaense era tida como uma das mais industrializadas do país, entretanto, a agricultura também representava uma importante base da economia. Essa característica da cidade ainda estar ligada à atividades rurais, influenciava muito nos modos de seu povo, em que se mesclavam características de cidade moderna e outras de cidade interiorana.

A ida à missa ou ao culto dominical era um ritual cumprido semanalmente por grande parte da população curitibana. Homens e mulheres, com suas melhores roupas de passeio, assistiam à missa em alas separadas. No lado esquerdo, ocupado exclusivamente pelas mulheres, a mistura do branco e preto dos véus diferenciava as solteiras das casadas, bem como o caimento da roupa e o porte definiam a classe social de 46 cada uma delas. Após a missa, os homens aguardavam na porta as esposas, noivas e namoradas e seguiam para casa a pé ou de automóvel, a fim de cumprir o restante do ritual de domingo. Depois do almoço com a família, os programas habituais, de acordo com cada faixa etária eram: *matinê*, futebol, ida ao clube, visita a parentes ou simplesmente repouso para enfrentar a semana seguinte. (BOSCHILIA, 2010, p.38).

Esses “hábitos”, típicos de cidades interioranas que foram trazidos para a capital, também eram perceptíveis quando o assunto era a imprensa paranaense. A predominância do público alvo das revistas era o masculino, entretanto, havia espaços dentro dos periódicos em que as mulheres eram o foco das matérias, normalmente em seções comportamentais. Nesse período, com a crescente demanda de mão de obra, as mulheres começaram a conquistar seu espaço no mercado de trabalho. Segundo Boschilia (2010), a grande maioria estava ligada ao setor industrial, onde correspondiam a cerca de 11,4% dos mais de 12 mil trabalhadores ligados a esse setor. A maior parte dessas mulheres que começavam a despontar no mercado de trabalho vinham de classes econômicas mais baixas, e eram, quase em sua totalidade, moradoras dos subúrbios curitibanos. Segundo Boschilia (2010), havia, por parte dos governantes da época, um interesse na construção de uma imagem de cidade próspera e ordeira, em todos os sentidos, que englobavam desde o sentido político até o familiar. Apesar de já ser possível encontrar a figura feminina no mercado de trabalho, a imagem de “ordem” que persistia na cidade fazia com que os espaços urbanos ainda tivessem sérias restrições ao

que seriam lugares permitidos à mulher, e outros onde elas não eram bem vindas, ou, caso frequentassem, não seriam bem vistas.

As mulheres, com exceção daquelas que utilizavam a própria rua como espaço de trabalho, sofriam limitações não só de horário, mas também de acesso a determinados locais. As confeitarias, principalmente aquelas que vendiam bebidas alcoólicas eram um exemplo típico de espaço proibido às mulheres [...] o acesso das mulheres a estes locais só era permitido se ela estivesse acompanhada por um homem. (BOSCHILIA, 2010 p.39)

Segundo Pena (apud Boschilia, 2010), o início da industrialização no Brasil caracterizou-se pela pouca mão de obra disponível, o que possibilitou a entrada das mulheres de classe mais baixas nos espaços industriais. É importante observar que o Código Civil de 1916 legitimou a posição do homem como chefe da família. Nesse sentido, até 1943 o trabalho feminino deveria ser autorizado pelo homem da família. Entretanto, por mais que a autorização lhe fosse concedida, o trabalho feminino não era visto com bons olhos. Segundo Boschilia (2010), o trabalho industrial feminino era visto como a causa de problemas de ordem familiar e social.

Não obstante, no Brasil, desde o final do século XIX o trabalho industrial da mulher foi alvo de críticas feitas por autoridades sanitárias e policiais, educadores, políticos, imprensa e operariado. Esse discurso era utilizado de forma a responsabilizar o trabalho industrial feminino pelos problemas de escolarização, delinquência, mortalidade infantil, desemprego e desintegração familiar. Nessa perspectiva, o trabalho industrial feminino poderia ser responsabilizado pelos problemas criados pela própria organização do sistema, que mantinha inalteradas as condições de vida e trabalho do operariado. (BOSCHILIA, 2010, p. 43-44).

Trindade (1996), assevera que o discurso de alguns grupos curitibanos, que se empenhavam na tentativa de reorganizar a sociedade como progressista, fizeram a cidade se modernizar e possibilitaram aberturas sociais para inclusão da figura feminina, entretanto, ao mesmo tempo, ainda há um conservadorismo, ligado, principalmente a posições católicas e a outros grupos reacionários que buscavam impedir a presença feminina em espaços sociais.

Nesse momento em que a cidade avança no sentido de sua “modernização” e amplia suas opções de lazer e áreas de trabalho, a discussão sobre a expansão da participação feminina impregna-se das

propostas que acompanham esse novo universo progressista e liberal.
(TRINDADE, 1996, p. 147).

O cotidiano de Curitiba, durante a Segunda Guerra Mundial, de acordo com Boschilia (2010), refletia, mesmo que indiretamente, o maior acontecimento histórico do século XX. Desde o seguimento do entretenimento, como o rádio, que por conta do decreto-lei 4.098, era obrigado a transmitir comunicados do Serviço de Defesa Passiva Anti-aérea, passando pela Literatura, com lançamentos de livros que tratavam da temática da guerra, e chegando, até mesmo, à moda da cidade, que com a escassez de tecidos finos mudou toda a rotina de trabalho das modistas da cidade, o que fez com que novas lojas de roupas já prontas viessem se estabelecer na capital paranaense. Nos cinemas, que se tornaram uma das principais opções de lazer do povo curitibano na época, de acordo com Boschilia (2010), quase todos os filmes exibidos faziam referência à guerra. E assim como o rádio, antes de cada filme era exibido um cine-jornal que mantinha os curitibanos à par dos principais acontecimentos. Além disso, o espaço do cinema era utilizado como uma área de convivência, principalmente por crianças, que se encontravam para brincadeiras e trocas de gibis.

Apesar das dificuldades no campo econômico e das diferenças étnicas e ideológicas existentes, a população, de maneira geral, obedeceu às determinações estabelecidas pelo governo e exército, procurando adaptar-se às novas condições de vida, de maneira consciente e solidária. Após a partida dos soldados brasileiros, convocados para lutar na Itália, o desejo de que a guerra terminasse o mais depressa possível tomou conta das pessoas. (BOSCHILIA, 2010, p. 59).

A Gran-fina, assim como outros meios de comunicação, também destinou muitas páginas para repercutir assuntos relacionados à Segunda Guerra Mundial. A maior parte das matérias e reportagens era produzida por agências e tentavam deixar o leitor a par dos últimos acontecimentos na Europa. De acordo com Trindade (1996), independente de grupo social, das origens culturais e das crenças religiosas, todos os grupos curitibanos viam a mulher com vocações domésticas, de modo que a mídia local evidenciava essa visão acerca da figura feminina de ser frágil e superficial, e de ter preocupações relacionadas apenas à aparência e à moda. Em 1940, segundo Boschilia (2010), cerca de 78% das moradoras de Curitiba ocupavam-se com atividades domésticas. Os outros 22% estavam divididos entre a área de serviços, o setor agrícola e industrial e o funcionalismo público.

Depois destas a ocupação feminina mais frequente estava na área de serviços (4,8%). A preferência das mulheres por essa atividade é facilmente explicada pelas condições favoráveis em que ela pode ser exercida. Primeiramente, porque possibilita que o trabalhador continue tendo certa autonomia, podendo dispor do seu tempo livremente e, por consequência, facilitando a associação do trabalho profissional com os afazeres da vida doméstica (BOSCHILIA, 2010, p. 57-58)

Boschilia (2010) nos traz a informação de que entre os anos de 1935 e 1945 o custo de vida triplicou em Curitiba. Esse aumento no custo de vida trouxe a necessidade de se ajudar no orçamento de casa, o que levou muitas moças a procurarem um emprego. Entretanto, havia uma parcela bastante significativa de mulheres em boas condições financeiras que também adentraram o mercado de trabalho.

O próprio discurso (do momento) tinha uma viés que permitia a presença no espaço do trabalho daquelas mulheres que não possuíam quem as sustentasse. Em Curitiba, como nos outros centros, era grande o número de mulheres que precisavam trabalhar para sobreviver ou auxiliar no sustento da casa. Contudo, uma parcela significativa das jovens empregadas na indústria, principalmente no setor têxtil, não se enquadrava necessariamente nesse perfil. (BOSCHILIA, 2010, p. 118).

Essas moças ligadas às classes média e alta, classes que correspondiam ao principal público leitor da *Gran-fina*, ocupavam vagas de trabalho que exigiam maior escolaridade e menor trabalho braçal. No geral, empregos como 50 de secretária, foram os mais procurados por essas mulheres, que deveriam saber ler e escrever, além de datilografar.

Mulher e Trabalho: As relações dentro da revista

Uma relação marcada por muitos conflitos, lutas, e uma eterna busca por igualdade. Assim nós podemos definir a relação entre as mulheres e o trabalho. Se ainda hoje, temos diferenças bastante perceptíveis quanto ao trabalho desenvolvido por homens e mulheres, desigualdade de salários, de condições de trabalho, em 1940 essas diferenças eram ainda mais notáveis. Em uma sociedade com ares de desenvolvimento, mas que conservava uma imagem interiorana, o fato das mulheres estarem buscando seu espaço, deixou toda uma sociedade em polvorosa. A revista *Gran-fina*, um dos veículos

eleitos pela população de classe média e alta, da época, deixava transparecer qual o pensamento que a sociedade tinha acerca das mudanças ocorridas.

A imagem de ordem que prevalecia na cidade, que era difundida por seus governantes, através, principalmente, dos meios de comunicação, fazia com que prevalecesse apenas um modelo de família correta a ser seguida. Um pai que trabalha, sustenta a casa, uma mãe que cuida da limpeza e da ordem do lar, além de educar os filhos e cuidar do marido, cansado pelo trabalho de todo dia, e filhos, para a perpetuação da família e a chamada “felicidade completa do lar”. Esse modelo de família passou a ser adotado, principalmente, pela difusão do cristianismo, já que, segundo a bíblia, a sagrada família, composta por Jesus, Maria e José, seguia esse modelo. José, carpinteiro, trabalhava fora, Maria, uma dona de casa, cuidava do lar e do filho, Jesus, o progênito da família.

De acordo com Boschilia (2010), a partir de meados de 1930, a cidade de Curitiba começou uma transição do meio rural para o meio urbano. Muitas famílias vieram do interior para buscar novas oportunidades de trabalho, moradia, saúde e educação. Com a crescente industrialização da época, novas empresas se instalaram na capital e em seus arredores, no entanto, a maioria das vagas criadas estavam ligadas ao ramo de oficinas artesanais ou empresas familiares de pequeno porte, como alfaiatarias, carpintarias, padarias, etc.

Com o aumento de vagas na cidade, e também o aumento do custo de vida, a mulher passou a ser figura mais frequente no mercado de trabalho. A maioria, ainda era originária de classes mais baixas, entretanto, aos poucos as mulheres de classes mais abonadas, as principais leitoras da revista *Gran-fina*, também se encaminharam para o mercado profissional.

Havia uma ideia formal de que as mulheres estavam nas mesmas condições do que os homens no mercado de trabalho. Isso ocorreu por conta da criação do salário mínimo, que colocava a mulher na mesma condição de trabalho que os homens. Entretanto, na prática, isso não se confirmava, os salários das mulheres ainda eram bem menores do que dos homens, e além disso, elas tinham uma jornada de trabalho bastante longa, já que além do emprego, ainda eram consideradas as responsáveis por cuidar da casa, dos filhos e do marido. Na própria revista há casos de mulheres que viviam o dilema de ter que “escolher” entre a vida profissional e a vida pessoal.

A entrada da mulher no mercado de trabalho foi marcada por muitas polêmicas. A revista, por muitas vezes, questionou se seria atitude “digna” a ida feminina para o mercado profissional.

É o debate do momento. Precisamos chegar a uma conclusão sobre o fato de nossas mulheres estarem deixando o lar para se dedicarem a trabalhos externos. Seria essa uma atitude digna? Será que ao apoiarmos não estaremos contribuindo para o fim de nossas famílias? (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.13).

Entretanto, por outro lado, em uma matéria intitulada “Elas vão ao escritório”, veiculada em outubro de 1941, não assinada, mas provavelmente escrita por uma representante do sexo feminino, pela linguagem utilizada, defende-se os direitos das mulheres, colocando como normal essa transição do lar para o trabalho.

Nós também podemos. É claro que podemos. Não é só aos homens reservado o direito de trabalhar, afinal, são muitas as moças de família já empregadas e ganhando seu próprio dinheiro. A família não deve se opor, devemos mostrar a eles que uma mulher pode trabalhar e manter sua dignidade. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.12).

As mulheres eram vistas com uma posição social abaixo dos homens no início da década de 1940, período em que a Gran-fina circulou. No mercado de trabalho, isso não seria diferente. Na matéria “Capital registrou criação de empregos”, que tivera como assunto central a criação de vagas e a instalação de novas empresas na cidade, discorre-se sobre a contratação de representantes do sexo feminino.

As vagas estão aí. Só não trabalha quem não quer. Até mesmo as mulheres estão conseguindo espaço, no entanto, aquele que prefere contratar uma moça ao invés de um rapaz, está jogando sua empresa na lixeira. Homens são mais capacitados e isso está claro na história. Mulheres nasceram para cuidar do lar, de sua família... o trabalho fora de casa deve ser deixado por conta dos homens, mais fortes e preparados... (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 15).

Relembramos que, durante o período em que a revista circulou, ainda perdurava o código civil de 1916, que colocava a figura masculina como chefe da família. Assim, se uma moça decidisse que gostaria de trabalhar, ela precisaria da autorização de seu pai, se fosse solteira, ou de seu marido, caso já estivesse casada. Porém, mesmo com essa autorização, a maior parte da sociedade curitibana da época se colocava contra isso.

É preciso explicar a uma moça, que possui menor quantidade de massa encefálica, que sua reputação será duramente atingida caso resolva trabalhar. Estar em um ambiente fechado, cercada por homens, falando com esses homens, vai transformá-la em uma moça mal vista. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.22).

Caso fosse vencida essa etapa, de conseguir autorização para trabalhar, o próximo passo era arranjar um bom emprego, onde, segundo a Gran-fina, elas poderiam ganhar menos da metade do salário dos homens que cumprissem a mesma função.

Os exemplos até aqui citados, tratam de mulheres, em sua maioria, jovens, que pretendiam, ou já estavam inseridas no mercado de trabalho. Essas moças já não eram vistas com bons olhos pela maior parte da sociedade. Entretanto, quando uma mulher acima dos 50 anos escreveu para a revista, foi possível notar que havia, além de preconceito de gênero, também um preconceito pela idade dela e sua vontade de adentrar o mundo profissional.

Tenho 51 anos, sou viúva, já criei meus dois filhos, que estão casados, com família constituída. Sempre tive muitíssimo desejo por me tornar professora de francês, já que aprendi o idioma ainda na infância. Seria este o melhor momento para colocar este sonho em prática? (REVISTA GRAN-FINA, 1941, 08).

A resposta do periódico para a carta da senhora deixou claro seu posicionamento acerca do trabalho feminino desenvolvido após os 50 anos, principalmente.

Minha cara, Maria Cláudia! Ao ler sua carta pensei seriamente na possibilidade de tratá-la de forma indelicada. Entretanto, vide a sua idade e percebi o quão deselegante isso seria. Mas minha querida, querer trabalhar com a idade que possui? Você ainda menciona que seu falecido esposo lhe deixou boas posses, que lhe garantiriam uma vida bem gozada e tranquila. Para que vai querer trabalhar? Isso certamente deve ter um motivo obscuro. Se a sociedade não vê com bons olhos uma moça que quer trabalhar, o que diriam de uma senhora viúva, com filhos e netos? Mas o fato é que, com suas 51 primaveras, o que deveria fazer era cuidar de seus netos, ajuda-los a planejar o futuro, distrair-se em chás com suas amigas, esperando o dia em que em irá de encontro ao seu eterno amado. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, 08).

As moças de alta classe da sociedade curitibana estavam sempre em destaque nos cadernos sociais de revistas e jornais da cidade. Portanto, deveriam sempre cuidar da sua imagem. Assim, alguns pais, preocupados com a forma com que as filhas seriam vistas na sociedade, escreveram para a revista pedindo conselhos de como evitar a

“rebeldia juvenil, que insiste em trabalhar, correndo o risco de estragar seu, até então, brilhante futuro” (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24)

Minha filha e a filha de meu irmão possuem a mesma idade. Estão passando pela idade crítica, em que questionam tudo o que está a volta delas. Não sabemos mais o que fazer, pois elas querem se tornar manequins de roupas. Mas sabemos que esse tipo de profissão só servirá para afastar todos os possíveis candidatos a namorado. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24).

A resposta dada pela revista deixava claro que a postura que se esperava de um pai era totalmente rígida, e de uma filha esperava-se que cumprisse as ordens dadas por seu pai.

Deve-se exigir que ela abandone tal ideia! Você, meu caro, Divonzir, é pai e portanto tem poder sobre sua filha até o dia em que entrega-la no altar ao esposo. Não seja coração de manteiga, faça o que tem que ser feito e ela terá de concordar, afinal, os pais sabem o que é melhor para seus filhos. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24).

Dessa forma, a relação mulher e trabalho, durante o início da década de 1940, foi bastante turbulenta. Era preciso conseguir autorização para trabalhar, encontrar um bom emprego, sobreviver às armadilhas diárias do trabalho, estar ciente de que qualquer coisa que viesse a acontecer a culpa seria delegada às mulheres. Além disso, o preconceito se fazia presente na maioria das situações. Primeiramente, pela fuga à regra que o trabalho feminino representaria, depois, acusações de incapacidade simplesmente por ser mulher, e mais tarde, preconceito por conta da idade de algumas aspirantes ao mercado profissional.

Considerações Finais

A revista Gran-fina não era apenas uma revista jornalística e nem somente uma vitrine da sociedade curitibana, ou do que se esperava dessa sociedade curitibana. Podemos dizer que ela era uma mescla de jornalismo, com boas matérias e reportagens, e um manual de boas maneiras destinado, principalmente, às moças da cidade. Os assuntos importantes, política, economia, eram destinados ao público masculino, já as “dicas”, palavra utilizada até hoje pelos veículos de comunicação para dar conselhos relativos à forma como as mulheres devem se comportar socialmente, deixavam claro,

pela linguagem, pelo título da editoria, e, principalmente pelas posições e imposições, que eram destinadas ao público feminino.

A percepção que temos acerca de todas as privações que as mulheres da época sofriam é de que havia, por conta de uma sociedade extremamente patriarcal, um medo vigente de perder essa mulher pacata, que até então tinha o lar como seu universo, e que começava a conquistar outros papéis, muito além do espaço privado. A relação feminina dentro da família sempre foi uma relação tida como santificada. As mulheres deveriam ser o espelho de Maria, mãe de Jesus, boas mães, boas esposas, pacatas, puras e religiosas. A história difundiu esse perfil, que foi considerado o correto, durante muitos anos. A revista servia como um manual de como as mulheres deveriam agir em diferentes situações familiares. Desde a infância, as meninas tinham papéis sociais pré-definidos, e qualquer perfil que fugisse a esses papéis seria considerado incorreto. A partir do momento em que essas mulheres, por vontade própria, ou por necessidade, passam a quebrar regras e começam a conquistar seus espaços dentro do mercado de trabalho, o que se percebe é um medo geral, medo de que toda aquela imagem ordeira que, durante décadas, se construiu acerca da cidade de Curitiba se desmanchasse. Assim, é perceptível que, através dos Meios de Comunicação, se tentou manchar a índole dessas mulheres, responsabilizando-as por todo e qualquer problema de ordem familiar que ocorresse.

O espaço privado sempre foi considerado o lugar ideal para a figura feminina. Se mesmo dentro desse espaço haviam regras sociais que as mulheres deveriam seguir, nos momentos em que ela transcende essa barreira e vai para os espaços públicos, essas regras se multiplicam. Com a imagem de ordem que, segundo Boschilia (2010) os governantes curitibanos queriam difundir acerca da cidade, a mídia da época também seguiu essa tendência. A Gran-fina vendia uma imagem de “mulher perfeita” para os padrões do período. Era primordial que os pais da menina, desde seu nascimento, a criassem seguindo uma espécie de receita, que, de acordo com a revista, resultaria em uma moça de família, uma moça para se casar, que seria uma ótima mãe futuramente. A inclusão de atividades vistas como femininas, como cozinhar e costurar, por exemplo, deveria ser realizada desde a infância. O periódico recomendava que meninos deveriam ter uma maior proximidade com seus pais, enquanto as meninas deveriam estar sempre acompanhando as atividades de suas mães. Para a Gran-fina, dessa forma, os meninos estariam desde cedo em contato com assuntos de maior importância, aprendendo a

cuidar dos negócios da família, enquanto as meninas aprenderiam o necessário para, futuramente encontrar um bom casamento e formar uma família, onde todo o ciclo se repetiria. Nesse sentido, podemos incluir essa mulher da década de 1940, na segunda caracterização proposta por Lipovetsky (2000), em que ele se refere às mulheres submissas, que passam a apresentar uma maior feminilidade, mas que continua sendo considerada inferior ao homem. A mulher desse período, retratada pela Gran-fina, voltava-se ao lar, nas posições de filha, primeiramente, depois de esposa e, finalmente de mãe. Através dos discursos da revista, a imagem que se pretende passar é de que as mulheres nasciam com seus papéis pré-definidos, ao cumprir todas essas etapas ela seria uma mulher completa, caso contrário, não estaria cumprindo bem o papel que lhe fora designado.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres**
- BOSCHILIA, Roseli. **Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos**. A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). São Paulo: Contexto, 2010.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- REVISTA GRAN-FINA**, Curitiba, nº 15, 1940.
- REVISTA GRAN-FINA**, Curitiba, nº 18, 1940.
- REVISTA GRAN-FINA**, Curitiba, nº 19, 1940.
- REVISTA GRAN-FINA**, Curitiba, nº 24, 1941.
- REVISTA GRAN-FINA**, Curitiba, nº 25, 1941.
- REVISTA GRAN-FINA**, Curitiba, nº 26, 1941.
- REVISTA GRAN-FINA**, Curitiba, nº 28, 1941.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: Mulheres de Curitiba na primeira república. Curitiba: Farol do Saber, 1996.